As toupeiras de Cambridge se enterram em vista do máximo impacto

Em 1935, quando Stálin ordenou que os agentes comunistas no exterior entrassem na clandestinidade ou, se necessário, fingissem se converter ao fascismo, os espiões de Cambridge foram obrigados a mudar suas posturas políticas e a se enterrar ainda mais em suas tocas. Isso os divertiu bastante.

Quando deixamos Blunt, ele havia ingressado no MI5, onde começou a escalar os escalões da hierarquia. Entre 1940 e 1945, e mesmo antes do fim da guerra, Blunt começou a transmitir a Moscou documentos ultra-secretos do MI5 e do MI6, além de mensagens codificadas alemãs que ele havia decifrado em Bletchley Park, somando cerca de 1.700 peças de documentação confidencial, dentre as quais estavam informações valiosas sobre as medidas vitais planejadas pelos Aliados para depois da guerra, em relação à Polônia, Letônia e Tchecoslováquia, informações que permitiram aos soviéticos estabelecerem o Cortina de Ferro na Europa[157]. Blunt também forneceu aos soviéticos os nomes de milhares de expatriados russos vivendo na Grã-Bretanha, muitos dos quais – com suas mulheres e filhos – foram obrigados a retornar à Rússia, onde Stálin, amparado pelas disposições dos acordos de Yalta, os mandou massacrar sistematicamente.

Blunt e Philby comunicaram aos soviéticos informações detalhadas sobre o Desembarque dos Aliados na Normandia em junho de 1944, assim como sobre várias operações do MI5, como a "recuperação" de agentes alemães e soviéticos, entre os quais Anatoli Gorski, primeiro secretário da Embaixada da URSS em Londres, que era justamente o supervisor de Blunt[158].

Além de ter enviado milhares de estrangeiros à morte, Blunt, que possuía uma memória quase fotográfica, orgulhava-se de ter comunicado aos soviéticos os nomes de *todos* os agentes do MI5, sem exceção[159]. Ele também teve acesso aos arquivos de segurança que o MI5 realizava, informação que também chegou a Moscou[160].

Segundo John Costello, autor especializado em inteligência e autor de *Mask of Treachery*, Blunt era a própria personificação do "agente de influência". Ele ajudou a obstruir a investigação interna que havia sido aberta dentro do MI5 e do MI6, criando pistas falsas que desviavam os investigadores de Burgess, Maclean e Philby, "quando estes ainda estavam operacionais, e mesmo depois que foram para Moscou"[161].

Blunt também recrutou destacados acadêmicos de Cambridge, incluindo o brilhante linguista John Cairncross, frequentemente considerado o quinto membro do círculo de espiões de Cambridge,

embora mais de uma dezena de agentes soviéticos de Oxford provavelmente pudesse reivindicar esse título, incluindo um punhado de agentes do MI5 e do MI6. Blunt recrutou, ainda, Leo Long, "Apóstolo" e agente de inteligência militar do MI14, especializado em decodificação e inteligência de origem eletromagnética (ROEM)[162].

Pouco antes do fim da guerra, o rei George VI encarregou Blunt de uma missão altamente secreta na Alemanha. A natureza exata dessa missão, que deveria durar até 1947, permanece envolta em mistério (embora não por falta de teorias a seu respeito), mas o que se sabe é que Blunt conhecia o conteúdo dos documentos privados cuja recuperação lhe competia e que provavelmente comunicou essas informações ao seu supervisor soviético[163].

Segundo Costello, o fato de Blunt ter conseguido os "arquivos de Windsor" acabou se revelando uma "apólice de seguro de ouro" contra qualquer acusação de alta traição durante os trinta e quatro anos seguintes e, de fato, durante o restante da sua vida"[164].

Após a guerra, Blunt continuou sua carreira dupla: historiador e crítico de arte de um lado, traidor do outro. Entre 1945 e 1979, ocupou o cargo de Curador das Pinturas do Rei (depois, da Rainha) e administrou, nessa qualidade, as vastas coleções da família real[165]. Em 1947, foi nomeado diretor do Courtauld Institute of Art. Três anos depois, foi eleito professor visitante na British Academy, e em 1960, tornou-se professor de história da arte na Universidade de Londres. Ele foi condecorado cavaleiro em 1956.

Durante os anos de sua "noite louca", Blunt era de certa forma parte da mobília dos palácios de Buckingham e Windsor, onde dispunha de escritórios. Tornou-se comum dizer, em tom de brincadeira, que quando Blunt circulava pelos corredores, os guardas do palácio ressaltavam com ironia a necessidade de "manter as costas na parede" ao seu passar, relata Costello[166]. **É evidente que a homossexualidade não impediu que fosse empregado pela família real e nunca o impediu, aliás.** Os valetes e os cortesãos homossexuais da casa real, assim como os diplomatas do Foreign Office, apresentavam até mesmo uma vantagem clara em relação aos homens casados e pais de família, que, necessariamente, estavam "distraídos" com os problemas do lar. Eles podiam se dar ao luxo de serem excessivamente generosos com seu tempo e atenção, e estavam sempre disponíveis. **Alguns valetes e outros domésticos da casa real também eram conhecidos pelos serviços sexuais que prestavam a seus senhores[167].**

É onde Blunt e Burgess organizaram grande parte das "recepções" às quais convidavam agentes e funcionários do MI5 e do MI6 que ficava em sua residência na 5 Bentinck Street, um prédio de três andares que tinha instalações para gravação e filmagem e pertencia a Victor Rothschild. Entre seus convidados figuravam o Major General (gênio de divisão) Sir Stewart Menzies, chefe do MI6 de 1939 a 1952, Sir Dick White, chefe do MI5 de 1953 a 1956, e depois diretor do MI6 de 1956 a 1968, Sir Roger Hollis, apelidado de "Senhor Inércia" e conhecido por ser bissexual, diretor do MI5 de 1956 a 1965, e o Capitão Guy Maynard Liddell, diretor assistente do MI5[168].

O fato de Liddell e Hollis terem frequentado regularmente e por tanto tempo homossexuais como Blunt e Burgess acabou fazendo com que um ou outro fosse considerado como o quinto homem ou a "super-toupeira" do MI5[169]. A crítica feita a esses dois homens – que nenhum diretor de serviço

de inteligência deve ser tão ingênuo e confiante – se aplica, no entanto, a quase todos os níveis da inteligência britânica nas décadas de quarenta e cinquenta.

Blunt também se tornou amigo de Sir Dick White, e os dois costumavam passar as festas de Natal com Victor Rothschild na casa dos Rothschild em Cambridge. O barão Rothschild e sua segunda esposa, Teresa Mayor ("Tess"), ex-funcionária dos serviços de inteligência britânicos, também costumavam visitar Blunt e Burgess na casa da rua Bentinck.

Blunt conhecia absolutamente todos que merecia conhecer. Sua educação e contatos privilegiados lhe renderam um grande número de amigos e protetores de alta posição e influência. Mas o que era particularmente valioso para os soviéticos era seu conhecimento das sociedades homossexuais de alto e baixo escalão londrinos, das múltiplas redes associadas a cada uma e de como usá-las da melhor maneira.

Segundo Costello, entre os locais de encontro homossexuais que Blunt e Burgess frequentavam, assim como seus amigos sodomitas da alta sociedade, estavam o pub Pakenham, situado no centro de Londres, em Whitehall, o palácio de Buckingham, além dos quartéis da Household Cavalry (cavalaria real) e dos guardas do palácio[170]. O escritor irlandês Robin Bryans, que Burgess conheceu em Oxford em 1944 e que se tornaria um elemento regular do círculo sodomita formado em torno de Blunt e Burgess no pub Pakenham, relatou que Blunt se orgulhava muito de suas relações reais e de todas as suas associações tão significativas quanto interligadas, a ponto de falar abertamente sobre isso no pub[171]. Blunt também costumava participar, no Courtauld Institute, de orgias homossexuais que se estendiam até altas horas da madrugada e sempre atraíam uma multidão de jovens artistas e estudantes em seus anos finais, todos atraentes, sexualmente desejáveis e politicamente manipuláveis.

Parece que os soviéticos estavam totalmente dispostos a tolerar as excentricidades sexuais dos espiões de Cambridge desde que fossem proveitosas, mas é altamente improvável que realmente confiassem em um único deles. Na verdade, nenhum desses indivíduos ocupou um cargo de verdadeira importância nos serviços secretos soviéticos após sua defecção. Philby permaneceu coronel do KGB, mas só de nome. Blunt suspeitava que o mesmo aconteceria com ele, razão pela qual finalmente se recusou a trocar seu luxuoso apartamento de diretor na residência Courtauld ou seus escritórios nos palácios reais por um triste apartamento nos subúrbios de Moscou, como fizeram Maclean, Burgess e Philby[172].

Revision #2
Created 18 December 2024 22:04:40 by Admin
Updated 20 December 2024 18:23:17 by Admin